

A Clivagem do Constituinte Interrogativo em Sentenças Interrogativas do Português Brasileiro: uma Abordagem Diacrônica

THE INTERROGATIVE CONSTITUENT CLEFTING IN BRAZILIAN PORTUGUESE
INTERROGATIVE SENTENCES: A DIACHRONIC APPROACH

Michel Gustavo **FONTES***

Resumo: Este trabalho, considerando a estrutura das Interrogativas de Conteúdo do Português Brasileiro, analisa, num viés funcionalista, a clivagem do constituinte interrogativo em posição inicial. Acredita-se que a ocorrência desse fenômeno morfossintático na estrutura das Interrogativas de Conteúdo está condicionada a determinações discursivas e que, diacronicamente, tal fenômeno é uma inovação no Português Brasileiro. Com base em Givón (1979) e Hengeveld e Mackenzie (2008), defende-se que a clivagem do constituinte interrogativo emerge na língua como um operador de ênfase por meio da sintaticização e da morfologização de estruturas já disponíveis na língua.

Palavras-chave: Interrogativas de Conteúdo. Clivagem. Ênfase.

Abstract: This paper, considering the structure of Brazilian Portuguese Content Interrogatives, analyzes, from a functional point of view, the clefting of the interrogative constituent placed in initial position. We believe that the occurrence of this morphosyntactic phenomenon in the structure of Content Interrogatives is determined by discursive factors and that, diachronically, this phenomenon is an innovation in Brazilian Portuguese. Based on Givón (1979) and Hengeveld e Mackenzie (2008), we defend that the clefting of the initial interrogative constituent emerges in the language as an emphatic

*Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – São José do Rio Preto. Professor na Faculdade de José Bonifácio (FJB). Contato: michelfontes2002@yahoo.com.br.

operator with the syntacticization and morphologization of structures already available in the language.

Key-words: Content interrogatives. Clefting. Emphasis.

Introdução

Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 71), a Ilocução Interrogativa indica que o Falante requer do Ouvinte uma resposta para o Conteúdo Proposicional evocado pelo Conteúdo Comunicado. Essa resposta pode ser uma confirmação ou não do Ouvinte em relação a um conteúdo cuja verdade não era muito clara para o Falante, o que define uma Interrogativa Polar (cf. (01)), ou pode conter uma informação nova trazida pelo Ouvinte que preencha uma lacuna de informação existente na informação pragmática do Falante, o que define uma Interrogativa de Conteúdo (cf. (02)).

(01) então vocês ahh:: têm irmãos pequenos? (SP-EF-405)

(02) como ela desenha? (SP-EF-405)

É nesse segundo tipo de interrogativa que se concentra nossa atenção neste trabalho. Investigamos, dessa forma, o uso e a estrutura morfossintática de sentenças interrogativas do Português Brasileiro (doravante PB), especificamente de sentenças interrogativas diretas que contêm um pronome ou advérbio interrogativo (cf. (03)), tradicionalmente denominadas de *Interrogativas-Qu* (cf. LOPES-ROSSI, 1996; KATO; MIOTO, 2005).

(03) a. **o que** a senhora gostaria de fazer? (SP-D2-360)

b. **que** é que um professor faz...? (SA-DID-231)

c. **qual** é o problema? (PA-EF-278)

d. **quem** é que vai comprar? (RJ-EF-379)

e. elas têm origem...**onde**? (SA-EF-049)

f. **quando** é que o aluno evidencia conhecimento? (PA-EF-278)

g. **quantos** o senhor deseja? (RE-EF-337)

h. **como** que nós chegamos a ela? (SP-EF-405)

i. não poderia **por quê**? (RJ-EF-379)

Na estrutura das Interrogativas de Conteúdo, dois fenômenos morfossintáticos se destacam - a ordenação de constituintes e a clivagem - e estão articulados a dois constituintes dessa estrutura: o pronome ou advérbio interrogativo, a partir de agora denominado de *constituente interrogativo*, e o sujeito, quando expresso.

Quanto ao fenômeno de ordenação, o constituinte interrogativo pode situar-se (i) na margem esquerda da oração interrogativa, ocupando a posição inicial (cf. (04a)), ou (ii) na margem direita da oração interrogativa, ocupando a posição final (cf. (04b)). Já o sujeito pode (i) anteceder o verbo, ocupando o campo inicial da oração junto ao constituinte interrogativo (cf. (05a)) ou (ii) pospor o verbo, ocupando o campo final da oração (cf. (05b)).

(04) a. **o que** significa isso? (REC-EF-337)

b. ele também pode fazer **o quê?** (SA-DID-231)

(05) a. o que **a senhora** gostaria de fazer? (SP-D2-360)

b. o que significa **isso?** (REC-EF-337)

Quanto ao fenômeno da clivagem, o constituinte interrogativo, quando em posição inicial na oração, pode ser clivado por meio dos expletivos *é que* (cf. (06a)) e *que* (cf. (06b)).

(06) a. **como é que** ela funciona? (REC-EF-337)

b. **que que** a senhora acha das Olimpíadas? (PA-DID-45)

É sobre a possibilidade de clivagem do constituinte interrogativo em posição inicial que recai nossa atenção neste trabalho. Nosso objetivo é, primeiramente, determinar os condicionamentos discursivo-pragmáticos para a ocorrência desse recurso morfossintático na estruturação das Interrogativas de Conteúdo e, num segundo momento, a partir de uma abordagem diacrônica, desejamos recuperar o desenvolvimento diacrônico desse fenômeno na estrutura das interrogativas na história do PB já que, com base em Lopes-Rossi (1996), acreditamos que a disposição linear do constituinte interrogativo em posição final e a possibilidade de clivagem desse mesmo constituinte em posição inicial são fenômenos inovadores na história do PB. De fato, queremos mostrar com este estudo que a clivagem do constituinte interrogativo em posição inicial por meio dos expletivos *é que* e *que* emerge

na história do PB a partir da sintaticização e morfologização de estruturas já existentes na língua como operadores de ênfase.

Para tanto, a análise diacrônica se desenvolve com base em peças de teatro de escritores brasileiros dos séculos XIX e XX, dispostas no quadro 01 abaixo. Paralelamente ao estudo diacrônico, desenvolvemos um estudo sobre as Interrogativas de Conteúdo na língua falada e, para tanto, tomamos os inquéritos do NURC que compõem o *córpus* mínimo do Projeto da Gramática do Português Falado. Este último se mostrou relevante para nossa análise uma vez que Interrogativas de Conteúdo com expletivos *que* só foram encontradas em dados de língua falada. Em relação ao quadro teórico adotado, este estudo se baseia no modelo gramatical em níveis e camadas da Gramática Discursivo-Funcional, conforme concebido por Hengeveld e Mackenzie (2008), e nos processos de sintaticização e morfologização descritos por Givón (1979).

SÉCULO XIX				SÉCULO XX			
I metade		II metade		I metade		II metade	
1838	1844	1890	1892	1932	1954	1960	1966
O juiz de paz na roça	Judas no Sábado de Aleluia	Viagem ao Parnaso	O Tribofe	Deus lhe pague	Figueira do Inferno	A invasão	O santo inquérito
(19TMPa)	(19TMPb)	(19TAAa)	(19TAAb)	(20T]Ca)	(20T]Cb)	(20TDGa)	(20TDGb)
Martins Pena		Artur Azevedo		Joracy Camargo		Dias Gomes	

Quadro 1 – Peças de teatro selecionadas e períodos de análise

1 Fundamentos Teóricos e Metodológicos

1.1 A Gramática Discursivo-Funcional

Proposta por Hengeveld e Mackenzie (2008), a GDF é o componente gramatical de uma teoria mais abrangente da interação verbal, que interage com componentes não linguísticos do processo de interação verbal. Concebida segundo os princípios de uma perspectiva funcional da linguagem, a GDF objetiva descrever e explicar as línguas naturais de uma forma pragmática e psicologicamente adequada, isto é, pretende estudar o grau em que uma descrição linguística é relevante para explicar o uso da língua e compatível com o conhecimento sobre o processamento mental envolvido

na interpretação e na produção das expressões linguísticas. Em síntese, tal modelo captura as propriedades formais das unidades linguísticas e as descreve em termos da intenção comunicativa com que são produzidas.

Sem desconsiderar a Gramática Funcional de Dik (1997a; 1997b), a GDF provoca mudanças significativas na determinação das unidades de análises linguísticas, já que propõe a expansão de uma gramática da sentença para uma gramática do discurso. Para tanto, tal modelo gramatical apresenta as seguintes propriedades:

- (a) opera de cima para baixo (organização *top-down*): as intenções comunicativas de um falante são processadas em direção descendente até chegar à articulação da expressão linguística;
- (b) tem como unidade básica de análise os atos discursivos;
- (c) liga-se a um componente conceitual, contextual e um de produção;
- (d) distingue dois processos fundamentais envolvidos na produção linguística: (i) *formulação*, que converte a intenção comunicativa e sua representação mental em representações interpessoais e representacionais, e (ii) *codificação*, que transporta as representações interpessoais e representacionais para os níveis morfossintático e fonológico de forma a dar a elas uma expressão linguística;
- (e) introduz quatro níveis de análise independentes e organizados hierarquicamente: Interpessoal, Representacional, Morfossintático e Fonológico. Tais níveis, nessa ordem hierárquica, são interatuantes na organização do modelo da GDF, conforme se observa na Figura 1, a seguir.

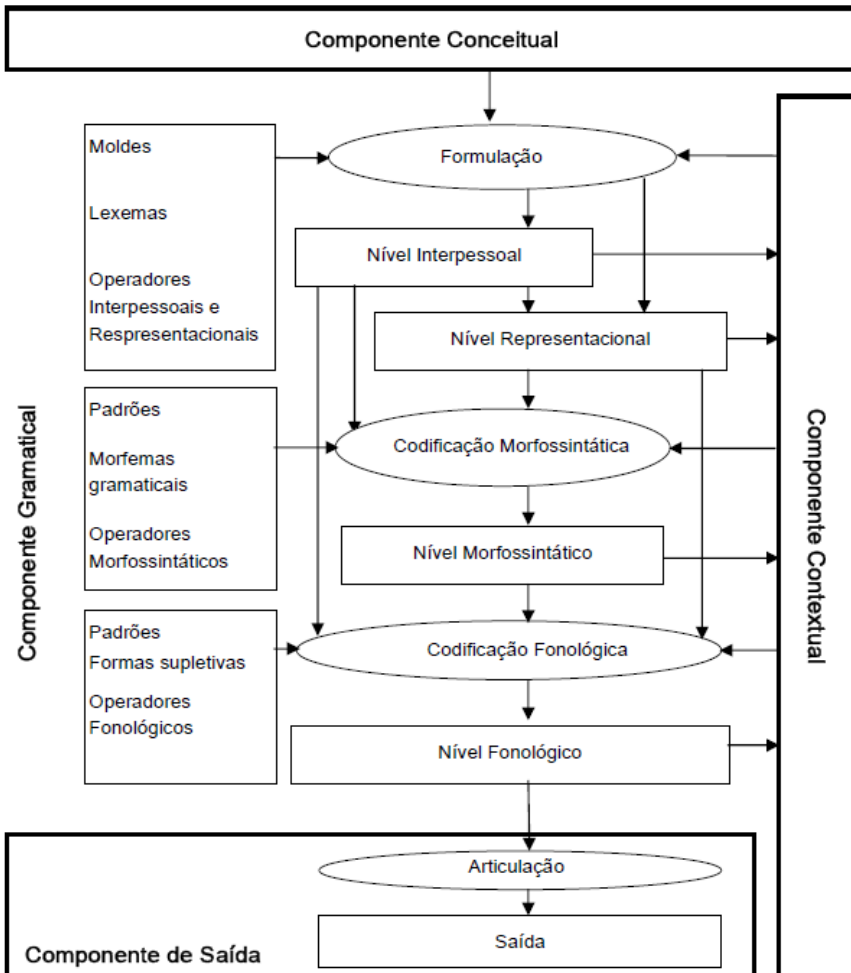


Figura 1 – Layout geral da GDF

No processo de formulação, atuam os níveis Interpessoal e Representacional. No Nível Interpessoal, todas as unidades relevantes do comportamento comunicativo são formalizadas em termos de sua função comunicativa. Com base na formalização em (07), observa-se que a unidade de análise hierarquicamente mais alta nesse nível é o *Movimento* (M), que pode conter um ou mais Atos Discursivos (A). Um Ato Discursivo consiste em uma Ilocução (F), um ou mais Participantes do ato de fala (P) e o Conteúdo

Comunicado (C) apresentado pelo falante. O Conteúdo Comunicado, por sua vez, pode conter um número variável de Subatos Atributivos (T) e Subatos Referenciais (R).

$$(07) \quad (M_1: [(A_1: [(F_1) (P_1)_S (P_2)_A (C_1: [(T_1)_{\{O\}} \dots (T_{1+N})_{\{O\}}] (R_1)_{\{O\}}] (C_1)_{\{O\}}]) (A_1) \dots (A_{1+N})_{\{O\}}] (M_1))$$

Já no Nível Representacional, descrevem-se as unidades linguísticas em termos de sua categoria semântica. Enquanto o Nível Interpessoal trata da evocação, o Representacional lida com a denotação. As camadas desse nível, disponíveis numa representação formalizada e hierarquicamente organizada em (08), são definidas em termos das categorias semânticas que elas designam: Conteúdos Proposicionais (p), as unidades mais altas do Nível Representacional, são construtos mentais, que podem conter um ou mais Episódios (Ep), que são conjuntos de estados-de-coisas tematicamente coerentes, no sentido de que apresentam unidade ou continuidade de Tempo (t), Locação (l) e Indivíduos (x); já Estados-de-coisas (e) incluem eventos e estados que são caracterizados pela possibilidade de serem localizados no tempo e avaliados em termos de seu estatuto factual. Um estado-de-coisas se caracteriza por uma Propriedade Configuracional (f), que tem natureza composicional e contém uma combinação de unidades semânticas que não estão em relação hierárquica entre si, como Indivíduo (x), Locação (l), Tempo (t), Modo (m), Razão (r) e Qualidade (q).

$$(08) \quad (p_1: [(ep_1: [(e_1: [(f_1): [(f_2)^n(x_1)_{\{O\}} \dots (x_{1+n})_{\{O\}}] (f_1)] \dots (f_{1+n}) (e_1)_{\{O\}}] \dots (e_{1+n})_{\{O\}}] (ep_1)) \dots (ep_{1+n})_{\{O\}}] (p_1))$$

Na operação de codificação, atuam os níveis Morfossintático e Fonológico. O Nível Morfossintático trata dos aspectos estruturais de uma unidade linguística. Juntamente com o Nível Fonológico, cuida da codificação das distinções interpessoais e representacionais. Em vista dessa função, muito do que ocorre no Nível Morfossintático é funcionalmente motivado: princípios de ordenação são motivados por iconicidade, integridade de domínio e pela preservação de relações de escopo. Entretanto, deve-se levar em conta que esse nível tem seus próprios princípios de organização, que podem não ser funcionalmente motivados. Conforme a representação em (09), a camada mais alta do Nível Morfossintático é a Expressão Linguística

(EL), ou seja, qualquer conjunto de pelo menos uma unidade morfossintática; se houver mais de uma unidade dentro da EL, elas terão as mesmas propriedades morfossintáticas. As unidades que se combinam para formar a EL são: Orações (Cl), Sintagmas (Xp) ou Palavras (Xw).

(09) (EL₁: [Cl₁: [(Xw) (Xp₁: [(Xw) (Xp₂) (Cl₂)] (Xp₁))] (Cl₃)] (Cl₁))] (EL₁))

O Nível Fonológico, por fim, é responsável pelos aspectos de codificação que não ocorrem no Nível Morfossintático. Ele recebe o *input* – alguns já na forma fonêmica – dos outros três níveis e provê o *input* para o Componente de Saída. Enquanto este último lida com questões relacionadas a frequência, intensidade, duração, o Nível Fonológico – sendo gramatical – é ‘digital’, e contém representações de fonemas que são baseadas em oposições fonológicas binárias.

1.2 A ênfase na GDF

Basicamente, a função discursiva de ênfase consiste em colocar em destaque ou em proeminência uma determinada informação. Na GDF, a ênfase é uma propriedade pragmática e pode atuar como modificador ou operador das diversas camadas que compõem o Nível Interpessoal. O Ato Discursivo, por exemplo, pode ser enfatizado por meios lexicais, ou seja, por modificadores que enfatizam o Ato como um todo (cf. (10)), ou por meios gramaticais, ou seja, por operadores que representam o resultado de uma estratégia de intensificação do Falante sobre o Ato Discursivo (cf. (11)).

- (10) a. Answer me *dammit*.
b. I want to go home *dammit*.
c. Did you do it or not *dammit*?
d. Let's go *dammit*.

(cf. HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 64-65)

- (11) a. ¡Que no me gusta nada esa película!
b. ¿!Que si vienes mañana!?
c. ¡Que no te marches mañana!

(cf. HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 67)

Em (10), o item lexical *dammit* pode aplicar-se a diferentes ilocuções (Imperativa (cf. (10a)), Declarativa (cf. (10b)), Interrogativa (cf. (10c)) e Exortativa (cf. (10d)) e, além disso, integra-se ao Ato Discursivo de forma a enfatizá-lo. Já em (11), a ênfase é expressa pela partícula gramatical *que*, que se aplica a qualquer tipo de Ilocução (Declarativa (cf. (11a)), Interrogativa (cf. (11b)) e Imperativa (cf. (11c))) e que funciona como uma estratégia de intensificação. A possibilidade de ocorrência com qualquer Ilocução demonstra que operadores e modificadores atuam numa camada maior que a da Ilocução, portanto, atuam na camada do Ato Discursivo.

Na camada da Ilocução, por outro lado, Hengeveld e Mackenzie (2008) prevêem a presença de um operador enfático, que afeta diretamente a força ilocucionária e, assim, não se combina com qualquer Ilocução, mas se especializa com apenas uma determinada Ilocução. Vismans (1994, p. 62 apud HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 83) afirma que a partícula *dan* no holandês enfatiza somente Atos Imperativos, especificamente a Ilocução Imperativa (cf. (12)).

- (12) Doe je werk dan!
Fazer seu trabalho ENF
Vamos, faça seu trabalho!

Já na camada do Conteúdo Comunicado, itens lexicais podem intensificar o conteúdo do Ato Discursivo, sem expressar sentimentos como irritação, raiva e afins, o que diferencia modificadores enfáticos do Ato Discursivo dos modificadores enfáticos do Conteúdo Comunicado. Além disso, os modificadores do Conteúdo Comunicado se restringem a algumas Ilocuções, são mais internos na oração, não ocupando a sua periferia, e podem se combinar com outros tipos de modificadores enfáticos (cf. (13)).

- (13) I *really* don't like you *dammit*.
(cf. HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 103)

Em (13), o modificador *really* enfatiza o Conteúdo Comunicado do Ato Declarativo, já que a ênfase sobre o próprio Ato é exercida pelo modificador *dammit*. A contrapartida do modificador de ênfase na camada do Conteúdo Comunicado é o operador de ênfase que, segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), tem origem com a gramaticalização de construções

clivadas. No exemplo em (14), do Galego escocês, há uma construção usada para clivar tanto Sintagmas Nominais como não nominais.

- (14) ‘S ann a dh’fheumas tu rud beag de dh’eòlas ciùil
CLEFT must/need 2.SG thing little of knowledge music. GEN
It’s just that you must have some knowledge of music.

Por fim, na camada dos Subatos, devemos distinguir (i) os modificadores (cf. (15)) e operadores enfáticos (cf. (16)) do Subato Atributivo e (ii) os operadores enfáticos (cf. (17)) do Subato Referencial, que servem como uma estratégia de chamada de atenção do Ouvinte.

- (15) a. an *allegedly* defamatory article
b. a *fortunately* slim publication
c. a *really* nice example
(cf. HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 111)

Em (15), os itens lexicais destacados enfatizam o Subato Atributivo: em (126c), o item *really* indica um comprometimento enfático por parte do Falante, enquanto em (126a-b), o escopo dos itens destacados incide sobre o Subato Atributivo.

- (16) Ma-che:-də **zə** ge-li-ke
Neg-medo-NF EMPH 1.PL-COP-PFV
We remained (totally) unafraid.
(cf. HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 113)

- (17) ηa-mi:-ye **zə** ηa-ři:h-ke
1.SG-eye-INS EMPH 1.SG-see-PFV
I saw it with my own eyes
(cf. HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 124)

Na língua Kham, a partícula **z** pode enfatizar tanto um Subato Atributivo (cf. (16)) como um Subato Referencial (cf. (17)). No caso dos operadores enfáticos do Subato Referencial, a ordem pode também funcionar como uma estratégia de ênfase do Subato Referencial, como ocorre em (18) a seguir.

- (18) Did you get a day off?
A day off? *A whole week* the boss gave me.
(emph R₁)

Em suma, podemos ver que, para a GDF, a expressão da ênfase pode se dar por meios lexicais (modificadores enfáticos) ou por meios gramaticais (operadores enfáticos). Além disso, a depender da camada que modifica ou em que opera, eles podem ter diferentes matizes pragmáticos: reforço, comprometimento, focalização, realce, chamada de atenção, etc.

2 A Clivagem do Constituinte Interrogativo: uma estratégia de ênfase

No Nível Interpessoal, o constituinte interrogativo representa um Subato Referencial a que se pode atribuir três diferentes combinações do operador de identificabilidade: (i) (+id, -s) para as perguntas típicas (cf. (19)); (ii) (-id, +s) para as perguntas retóricas (cf. (20)) e (iii) (-id, -s) para as perguntas meditativas (cf. (21)).

- (19) Manuel João - Adeus, rapariga. ***Aonde está tua mãe?***
Aninha - Está lá dentro preparando a jacuba. (19TMPa)
- (20) MÜLLER - Está mais que evidente. ***Que mandava nas cidades?*** A CGT, Comando Geral dos Trabalhadores. ***Quem mandava no campo?*** As Ligas Camponesas. O Exército estava minado pelos sargentos e a Marinha pelos marinheiros. (20TDGc)
- (21) CONCEIÇÃO – E será, mesmo, incurável? (*Plácido balança a cabeça, afirmativamente*) – ***E como poderei ser mãe?*** (20TJCb)

A GDF distingue dois aspectos da identificabilidade: (i) o primeiro relaciona-se com a concepção do Falante a respeito da identificabilidade do referente para o Ouvinte, o que gera os operadores {+id, -id} para identificável e não identificável; (ii) o segundo relaciona-se à indicação dada pelo Falante a respeito da identificabilidade do referente para si próprio, o que gera os operadores {+s, -s} para específico e não específico.

Em (19), o Falante, ao desconhecer determinada informação (-s), busca sanar essa ausência informacional com o Ouvinte, quem, para ele,

detém a informação (+id). Atribui-se, então, ao constituinte interrogativo o operador (+id, -s), já que se trata de um Subato, na visão do Falante, identificável para o Ouvinte, mas não específico para ele próprio. A esse tipo de pergunta, que funciona como um pedido de informação, denomina-se de **pergunta típica**.

Já em (20), o Falante assume que a informação sob interrogação faz parte de sua informação pragmática, ou seja, é específica (+s) para si mesmo, porém não está disponível para seu Ouvinte, ou seja, não é identificável (-id) para o Ouvinte. Ao constituinte interrogativo, dessa forma, é atribuído o operador (-id, +s). Esse tipo de pergunta funciona como uma estratégia argumentativa do Falante para ativar ou acrescentar um determinado conhecimento na informação pragmática do Ouvinte, de forma a enfatizar ou destacar tal informação nova. A esse tipo de pergunta, que age na marcação de relevo positivo (cf. TRAVAGLIA, 2006), denomina-se de **pergunta retórica**.

Por fim, em (21), a informação sob interrogação está ausente para ambos os participantes da interação, Falante e Ouvinte, ou seja, é não específica e não identificável, o que gera o operador (-id, -s R). Esse tipo de pergunta funciona como uma tentativa de o Falante expor suas dúvidas e/ou inquietações, colocando o Ouvinte no papel de testemunha, o que se denomina, aqui, de **pergunta meditativa**.

Partindo das considerações de Chafe (1976) e considerando como nova a porção informacional que representa a diferença entre o estado mental do Falante e do Ouvinte, enquanto o ponto comum entre o estado mental dos dois participantes representa a informação dada, essas diferentes configurações do operador de identificabilidade revelam que o constituinte interrogativo abriga, essencialmente, **informação nova**. Além disso, segundo Hannay (1983), o constituinte interrogativo, ao sinalizar a diferença entre a informação pragmática do Falante e do Ouvinte, consiste na informação mais importante no dado contexto comunicativo e, dessa forma, veicula a **função pragmática de Foco**, definida por Hengeveld e Mackenzie (2008) como a seleção estratégica do Falante de informação nova.

A atribuição da função pragmática de Foco ao Subato interrogativo requer, no Nível Morfosintático, a mobilização de mecanismos especiais de expressão; no caso do constituinte interrogativo, o mecanismo mobilizado é a ordenação. Os constituintes interrogativos, devido à sua natureza focal, podem ocupar ou o campo inicial da oração, especificamente a posição P^I

(cf. (22a)), ou o campo final da oração, especificamente a posição P^F (cf. (22b)).

- (22) a. e **o que** a senhora considera uma boa peça teatral? (SP-DID-234)
 b. ele também pode fazer **o quê?** (SA-DID-231)

	P ^{pré}	P ^I	P ^{I+1}	P ^M	P ^{M+1}
(22a)	e	o que	a senhora	considera	uma boa peça teatral

	P ^I	P ^{M-1}	P ^M	P ^F
(22b)	ele	também	pode fazer	o quê

Quanto ao fenômeno da clivagem, podemos dizer que alguns estudos funcionalistas recentes (cf. LONGHIN, 1999; LONGHIN; ILARI, 2000; TRAVAGLIA, 2006; BRAGA, 2009) tem destacado a natureza focal e enfática de tal recurso morfossintático disponível na língua. Segundo Longhin e Ilari (2000, p. 203), “a clivagem é uma operação sintática por meio da qual se enfatiza o tema da sentença” e

... a formação de sentenças clivadas e pseudoclivadas constitui uma das estratégias pelas quais os falantes das línguas que dispõem desse recurso põem em foco, de forma não-ambígua, a informação que avaliam como mais significativa em suas mensagens (LONGHIN; ILARI, 2000, p. 203).

No PB, conforme aponta Braga (2009, p. 180), identificam-se duas “famílias” de construções clivadas: as Clivadas (cf. (23a)) e as Pseudoclivadas (cf. (23d)). Junto à primeira família, encontram-se as Construções É QUE (cf. (23b)) e as Construções QUE (cf. (23c)); já junto à segunda família, estão as Pseudoclivadas invertidas (cf. (23e)), as Pseudoclivadas extrapostas (cf. (23f)) e as Construções Foco Ser (cf. (23g)).

- (23) a. Clivada: **É** [isso] **que** vai ter que ver primeiro.
 b. Construção **É QUE**: [Lanternagem] **é que** tem muita.
 c. Construção **QUE**: [Os Paraíba brabo lá do fundo] **que** fala mal.
 d. Pseudoclivada: **Quem** estava com a chave **era** [o jardineiro].
 e. Pseudoclivada invertida: [Bife] **é o que** mais sai hoje em dia na cozinha.
 f. Pseudoclivada extraposta: Olha, não **fui** [eu] **quem** tirou a medida.
 g. Construção Foco Ser: Só tinha mesmo **era** [hospitais do governo].

Quando em posição inicial, o constituinte interrogativo pode vir clivado por meio de Construções **É QUE** (cf. (24a)) e Construções **QUE** (cf. (24b)), o que dá indícios da atribuição de outra estratégia pragmática ao constituinte interrogativo: a Ênfase.

- (24) a. **o que é que** vocês diriam sobre isso? (REC-EF-337)
 b. **que que** eu vou dizer sobre o cumprimento? (PA-DID-45)

	P ^I	P ^{I+1}	P ^{I+2}	P ^M	P ^{M+1}
(24a)	o que	é que	vocês	diriam	sobre isso

	P ^I	P ^{I+1}	P ^{I+2}	P ^M	P ^{M+1}
(24b)	que	que	eu	vou dizer	Sobre o cumprimento

Na camada do Subato Referencial, a Ênfase é atribuída a um referente por meio de operadores que assinalam o desejo do Falante em chamar a atenção do Ouvinte para este referente. Portanto, em interrogativas como em (24), além de se atribuir a função pragmática **Foco** ao constituinte interrogativo, o que licencia seu posicionamento em P^I, atribui-se **Ênfase** a esse Subato, já que o desejo do Falante está em conseguir especial atenção do Ouvinte para esse constituinte focal, o que, no Nível Morfossintático, manifesta-se por meio do uso de duas estratégias de clivagem bastante similares: *Construção É que* e *Construção Que*.

3 A Clivagem do Constituinte Interrogativo numa Abordagem Diacrônica

Ao longo da história do PB, acreditamos que três fenômenos inovadores atingiram a estrutura das Interrogativas de Conteúdo: (i) a possibilidade de posicionar o constituinte interrogativo no campo final da oração, (ii) a possibilidade de clivar o constituinte interrogativo posicionado no campo inicial da oração por meio dos expletivos *é que* e *que*, e, por fim, (iii) a mudança na ordem do sujeito em relação ao verbo, isto é, o sujeito, gradativamente, deixa de pospor-se ao verbo e, assim, de ocupar a posição final da oração interrogativa para antepor-se a ele e, assim, ocupar o campo inicial da oração. Neste trabalho, foca-se somente a mudança descrita em (ii).

Na primeira metade do século XIX, dados de Interrogativas de Conteúdo com o constituinte interrogativo em posição inicial clivado por meio do expletivo *é que* já são encontrados no PB (cf. (25)). A clivagem do constituinte interrogativo por meio de *que* só foi localizada em dados orais da segunda metade do século XX.

- (25) a. Aninha - **Mas então o que é que há lá tão bonito?** (19TMPa)
b. Aninha - **Quando é que você pretende casar-se comigo?** (19TMPa)
c. Aninha - Minha mãe, **pra que é que mandam a gente presa para a cidade?** (19TMPa)
d. Maria Rosa - **E quando é que eu não hei-de perdoar-te?** (19TMPa)

Portanto, no início do século XIX, a possibilidade de clivagem do constituinte interrogativo já fazia parte do padrão de estruturação das Interrogativas de Conteúdo. Lopes-Rossi (1996), com base na abordagem formalista chomskiana, desenvolve uma análise acerca das Interrogativas de Conteúdo na história do português, abrigando os períodos clássico (séculos XVI a XVIII) e moderno (séculos XIX e XX) do português europeu (doravante PE) e o período moderno (séculos XIX e XX) do PB. Conforme se observa no Quadro 2, até o século XVIII, interrogativas com o constituinte em posição final e com a clivagem do constituinte interrogativo inicial não existiam, o que confirma nossa hipótese de que esses dois recursos de

estruturação morfossintática são fenômenos inovadores na história do português.

Português Europeu Clássico (PEC) (séculos XVI-XVIII)	QVS				
Português Europeu Moderno (PEM) (séculos XIX-XX)	QVS	/	Qu é que		
Português Brasileiro Moderno (PBM) (séculos XIX-XX)	/	/	Qu é que	QSV	Qu- <i>in-situ</i>

Quadro 2 – Diacronia das Interrogativas de Conteúdo no PE e PB (cf. LOPES-ROSSI, 1996, p. 6)

Por outro lado, Lopes-Rossi (1996), no século XVII e XVIII do PE, encontra exemplos de interrogativa cujo constituinte interrogativo, em posição inicial, vem acompanhado de uma estrutura semelhante às Pseudoclivadas invertidas (cf. (26)).

- (26) a. que *é o que* fez durar tão pouco em seu principado senão a tacaheza?
 b. Sobrinho desalmado, que *é o que* fizeste?
 c. Que *é o que* quer?

(cf. LOPES-ROSSI, 1996, p. 42)

Com base nos trabalhos de Lopes-Rossi (1996) e Longhin (1999), acreditamos que a implementação da Construção É QUE e da Construção QUE nas Interrogativas de Conteúdo esteja muito associada ao desenvolvimento da clivagem na história do português.

Numa análise diacrônica que abrange desde o século XIII até o século XX, Longhin (1999) assume que as clivadas, em português, surgem a partir da gramaticalização de construções já existentes na língua, especialmente de construções relativas, e que as Pseudoclivadas (cf. (27)) e as Pseudoclivadas invertidas (cf. (28)) foram as primeiras alternantes clivadas a aparecer, sendo que a primeira surgiu no século XIV, e a segunda, no século XV.

(27) E elle hya em hua carreta que tiravam duas mullas muy nobres e a carreta era tam nobremente feita que muito de maravilhar, ca em ella nom avya fuste ne ferro **e a mais refece cousa que ella era assy eram ossos de madffym** (Século XIV; *Crônica Geral de Espanha de 1344*)

(27') [...] e a carreta era tão nobremente feita que era de se maravilhar, nela não havia fuste nem ferro *e a coisa mais miserável que havia nela eram ossos de marfim.*

(28) Mas **o erro que fazeys he o que me da payxam**
oulhay quanto me deueis
nefta foo fatiffaçam. (Século XV; *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende*)

(28') Mas *o erro que fazeis é o que me dá paixão*: olhe quanto me debes nesta só satisfação.

(cf. LONGHIN, 1999, p. 95-99)

Com base em Givón (1979), para quem as construções clivadas do inglês teriam sua origem a partir da sintaticização de estruturas discursivo/paratáticas/pragmáticas, condensados sob o mesmo contorno entoacional e com a eliminação progressiva de traços morfológicos da oração e da cópula *ser*, Longhin (1999) defende que as Construções Clivadas (cf. (29)) e as Construções É QUE (cf. (30)) teriam sua origem a partir da sintaticização e morfologização das Pseudoclivadas invertidas. Tal processo é demonstrado pela autora por meio dos esquemas em (31). Segundo a autora, é no século XVII que as formas Clivadas, Pseudoclivadas e Construções É QUE se implementam na língua portuguesa.

(29) **É** Sacatrapo em pessoa, **que** te vem trazer um recado de Jason.
(século XVIII; *Os encantos de Medeia*)

(30) Porque os creados dos talentos ao longe do rey **he que** melhor fe experimentaõ (século XVII; *Serman da Dominga*)

(cf. LONGHIN, 1999, p. 107-109)

(31)

a. o erro que fazeys [he o que] me da payxam o erro que fazeys [he Ø que] me da payxam o erro que fazeys <i>he que</i> me da payxam	↓ PC-INV perda de morfologia Construção É-QUE
b. o erro que fazeys [he o que] me da payxam o erro que fazeys [he Ø que] me da payxam ↑ <i>he</i> o erro que fazeys <i>que</i> me da payxam	↓ PC-INV perda de morfologia & movimento sintático CLIV

(cf. LONGHIN, 1999, p. 99-100)

É possível que as Interrogativas de Conteúdo clivadas por meio de *é que* tenham seguido o mesmo percurso diacrônico das Construções É QUE demonstrado por Longhin (1999) em (31): por meio de um processo de sintaticização, com a perda de traços morfológicos, o constituinte interrogativo em posição inicial deixa de ser seguido por uma Pseudoclivada invertida e passa a ser clivado por uma Construção É QUE, conforme se esquematiza em (32) abaixo.

(32)

Sobrinho desalmado, que [é o que] fizeste?	↓ Interrogativa + PC-INV Sintaticização/Perda de traços morfológicos Interrogativa + Const. É QUE
Sobrinho desalmado, que [é Ø que] fizeste?	
Sobrinho desalmado, que <i>é que</i> fizeste?	

A perda de traços morfossintáticos da estrutura *copula ser + que* ao longo dos séculos analisados para o PB mostra bem a implementação da clivagem nas Interrogativas de Conteúdo. No século XIX, os dados revelam a presença de material interveniente entre a cópula e o complementizador *que*, como o item *então* no exemplo (33), e, além disso, normalmente a cópula varia em tempo de acordo com o tempo em que o verbo ou a locução verbal da interrogativa está. Na verdade, no século XIX, pode-se perceber a seguinte correlação: se o verbo da interrogativa está no passado, a cópula vai para o pretérito perfeito do indicativo (cf. (34)); se, porém, o verbo está no presente ou no futuro, a cópula está conjugada no presente do indicativo (cf. (35) e (36)).

- (33) Gouveia. - **Quem foi então que o senhor encontrou aos beijos?** (19TAAa)
- (34) João Caetano: **Que foi que aconteceu**, minha senhora? (19TAAa)
- (35) O proprietário. – Ora essa! **Por que é que a agência há de cobrar e eu não?** (19TAAa)
- (36) MELO - Pois sim, mas o que ninguém conheceu foi uma sujeita que se chamasse Bernardo Vítor de Melo. Enfim... (*Escrevendo*). “Masculino”... (*Continuando a ler*). “Cor”... Branca. “Defeitos físicos”... “Cego”... Não sou. “Surdo-mudo”... Deus me livre! “Surdo”... Credo! “Idiota”... (*Encara Albino*). **Por que é que olhas para mim?** Então eu sou idiota? (19TAAb)

Dessa forma, podemos perceber que, nas Interrogativas de Conteúdo do século XIX, o expletivo *é que* não está totalmente gramaticalizado, uma vez que pode sofrer variação modo-temporal e apresentar material interveniente entre a cópula *ser* e a partícula *que*. Um traço morfossintático, entretanto, evidencia já um início de gramaticalização desse tipo de estrutura: ela não varia em número e nem em pessoa, permanecendo, sempre, na terceira pessoa do singular. Segundo Braga (2009, p. 181):

A restrição à variação sugere que a expressão *É QUE* está constituindo um todo amalgamado, imune à correlação modo-temporal, à concordância número-temporal e à interferência de material linguístico entre os dois itens que a integram. Segue, portanto, que a expressão *É QUE* está se gramaticalizando como uma locução sinalizadora de foco e que os segmentos vinculados por ela não constituem uma estrutura bioracional.

Tal gramaticalização da expressão *É QUE* em Interrogativas de Conteúdo do PB é percebida nos dados do século XX. Já não se encontra mais, nesse período, material interveniente na expressão, porém alguns casos de correlação modo-temporal ainda são encontrados. Há casos em que a cópula *ser* se conjuga no pretérito imperfeito do indicativo (cf. (37)), o que não havia sido constatado no século XIX. Mas os casos que mais mostram

esta integração da estrutura É QUE são aqueles em que a correlação modotemporal com o verbo da interrogativa não ocorre mais, como em (38).

- (37) JUSTINO – Também, **que era que eles tinham de sair tão cedo?** (20TDGa)
- (38) a. Onde é que você esteve? (20TDGa)
b. Onde é que você foi? (20TDGa)
c. TÂNIA - Bobagem. **Quem é que não mudou?** Tudo mudou. (20TDGc)
d. GERENTE – **Que é que você queria?** Ser o dono da agência? (20TDGc)

Com os dados de língua falada, percebemos melhor como esta estratégia de ênfase por meio da clivagem está se gramaticalizando no PB: é somente na modalidade oral que ocorre a clivagem do constituinte interrogativo por meio do expletivo *que* (cf. (39)). Segundo Braga (2009), o item *que* abandona suas propriedades conectoras e passa a funcionar como um marcador gramatical de foco, ou, no caso da Interrogativas de Conteúdo, um marcador gramatical de ênfase. Além disso, há a perda da cópula e, portanto, de traços morfológicos, caminhando, dessa forma, num processo de sintaticização, conforme se demonstra em (40).

- (39) b. **que que** a senhora acha das Olimpíadas? (PA-DID-45)
c. então **que que** a gente fazia? (PA-DID-45)
d. **o que que** cê tem visto? (RJ-DID-328)
e. **como que** nós chegamos a ela?... (SP-EF-405)
f. **por que que** a senhora gostou dessa peça? (SP-DID-234)

(40)

Sobrinho desalmado, que [é o que] fizeste?

Sobrinho desalmado, que [é Ø que] fizeste?

Sobrinho desalmado, que *é que* fizeste?

Sobrinho desalmado, que [Ø que] fizeste?

Sobrinho desalmado, que *que* fizeste?

Interrogativa + PC-INV

Sintaticização/Perda de traços morfológicos

Interrogativa + Const. É QUE

Sintaticização/Perda de traços morfológicos

Interrogativa + Const. QUE

Considerações Finais

Com este trabalho, investigamos o fenômeno da clivagem em Interrogativas de Conteúdo do PB, isto é, buscamos caracterizar a possibilidade de clivagem do constituinte interrogativo em posição inicial por meio dos expletivos *é que* ou *que*. Para tanto, valemo-nos de uma abordagem diacrônica, uma vez que acreditamos que tal fenômeno seja inovador na língua portuguesa. Para sumarizar, podemos tirar, deste estudo, duas conclusões: (i) o constituinte interrogativo, posicionado em P^I por sua natureza focal, pode ser enfatizado por meio de um operador codificado, no Nível Morfossintático, pela clivagem, e (ii) a clivagem do constituinte interrogativo em posição inicial parece apresentar um desenvolvimento similar à clivagem em sentenças declarativas, isto é, a clivagem do constituinte interrogativo por meio da Construção É QUE parece ter origem na sintaticização e na perda de traços morfológicos das interrogativas clivadas por meio Construções Pseudoclivadas Invertidas.

Referências

BRAGA, M. L. Construções clivadas no português do Brasil sob uma abordagem funcionalista. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 24, p. 173-196, 2009.

CHAFE, W. Givenness, contrastiveness, definiteness, subjects and topics. In: LI, C. *Subject and Topic*. New York: Academic Press, 1976. p. 26-55.

- DIK, S. C. *The theory of functional grammar*. Part I: The structure of the clause. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1997a.
- DIK, S. C. *The theory of functional grammar*. Part II: Complex and derived constructions. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1997b.
- GIVÓN, T. *On understanding grammar*. New York: Academic Press, 1979.
- HANNAY, M. The focus function in functional grammar: questions of contrast and context. In: DIK, S. C. (Org.). *Advances in functional grammar*. Dordrecht: Foris, 1983. p. 207-223.
- HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. *Functional Discourse Grammar: a typologically-based theory of language structure*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- LONGHIN, S. R. *As construções clivadas: uma abordagem diacrônica*. 1999. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.
- LONGHIN-THOMAZI, S. R.; ILARI, R. Uma leitura hallidayiana das sentenças clivadas do português. *Alfa*, Araraquara, v. 44, p. 193-213, 2000.
- LOPES-ROSSI, M. A. *A sintaxe diacrônica das interrogativas-Q do português*. 1996. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.
- PEZATTI, E. G.; FONTES, M. G. As interrogativas de conteúdo nas variedades do português falado. *Revista do GEL* (Araraquara), v. 7, p. 171-197, 2010.
- TRAVAGLIA, L. C. O relevo no processamento da informação. In: JUBRAN, C. C. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado*. v. 1. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006. p. 167-215.